

Caraça 240 anos

Aspectos históricos e realidades atuais

**SETE MARAVILHAS DO
CARAÇA**

Quem ainda se lembra das sete maravilhas do mundo antigo?

Quem sabe as sete maravilhas do mundo moderno?

QUAIS SÃO AS SETE MARAVILHAS DO CARAÇA? Pág. 4

OS DONOS DO CARAÇA

Pág. 4

OS VITRAIS GÓTICOS

Pág. 5

ALEGRIAS INESPERADAS

Pág. 3

EDITORIAL

Esta edição especial do VOZ DO CARAÇA faz parte das comemorações dos 240 anos da fundação do Santuário de Nossa Senhora Mãe dos Homens, do Caraça. A obra que começou como um nada nas mãos do Irmão Lourenço, no início da década de 1770, com as primeiras atividades de comprar as terras, preparar o terreno para uma construção e, sobretudo, entusiasmar e comprometer pessoas que o ajudassem na realização dos seus sonhos, teve sua primeira grande festa na bênção e consagração da ermida, em 1775, um ano após seu início oficial. Na hospedaria se alojavam os romeiros e penitentes que chegavam às paragens em busca de Deus e deles mesmos, na penitência pelos pecados pessoais e sociais da época, desde os roubos de ouro e diamantes à brutalidade da escravidão, da devassidão dos costumes à crueldade das vinganças, traições e emboscadas.

Com a morte do Irmão Lourenço, em 1819, veio a sucessão, por testamento, ficando o Rei de Portugal encarregado de transmitir a ermida e a hospedaria (então chamada hospício) e as suas terras a uma Congregação de Padres que saíssem a pregar missões e mantivessem ali uma pequena escola para o ensino das primeiras letras, do ler, escrever e contar.

A história gloriosa do Caraça é conhecida dos mineiros, marcada pelos nomes dos grandes missionários e dos homens excelentes na política, na magistratura, no magistério, em todas as áreas e profissões, ali formados pelo Colégio, até 1912, ao longo de 92 anos, e pelo Seminário que durou até o incêndio que o destruiu.

Hoje o Caraça renasceu das cinzas do fogo de 28 de maio de 1968 e é um centro conhecido e reconhecidamente excelente de peregrinação, cultura e turismo, uma obra exemplar de educação ambiental e de preservação da natureza. Visitado por mais de 60.000 brasileiros e estrangeiros, cada ano, dos quais mais de 20.000 se hospedam por um dia ou mais, o Caraça é o segundo parque mais visitado e sabidamente o mais bem cuidado de Minas Gerais.

Para comemorar os seus primeiros 240 anos (é mais velho que a Austrália no concerto das nações...), a Comunidade da Direção do Caraça adquiriu a edição extraordinariamente bonita do livro SERRA DO CARAÇA, organizado por Christiano Ottoni, preparou um caprichado ÁLBUM COMEMORATIVO em forma de revista e agora apresenta esta edição especial do nosso jornal VOZ DO CARAÇA.

O que caracteriza esta edição especial não é o aspecto histórico, presente no livro e no álbum, mas o dia a dia do Caraça, que interessa aos milhares de visitantes e aos que continuam a procurar ali um lugar de paz e descanso, de energias positivas, de convívio cidadão e harmonioso entre as pessoas e a natureza.

Uma entrevista com o Diretor do Caraça, Pe. Lauro Palú, inicia nossos contatos com essa obra admirável e meritória, glória de Minas e do Brasil, numa natureza extraordinariamente rica em fauna e flora, singularmente importante já no substrato geológico, que se preserva para os séculos vindouros e é uma fonte de humanização para quem frequenta seus espaços, conhece e aprecia sua história, aproveita de suas riquezas como o Museu, a Biblioteca, as Exposições de Fotos, as promoções artísticas de pessoas e grupos que se exibem nos seus espaços monumentais e sugestivamente acolhedores.

Temos o gosto, nas edições mensais de nosso Jornal, de publicar uma página com as notícias e novidades do Caraça e agora de apresentar em conjunto uma série de sonhos e realizações, nesta edição especial, garantia da continuidade de nosso intercâmbio e nossa colaboração.

Que nossos leitores tenham a nítida percepção daquilo que a Direção do Caraça repete frequentemente em seus contatos com autoridades e órgãos do Governo Federal e Estadual, quando necessita de suas autorizações e ajudas: o Caraça não são ruínas históricas, é uma entidade viva, palpitante, que continua sua história gloriosa nos tempos atuais e se projeta para novas conquistas no futuro próximo e remoto. Usando a expressão simpática de Murilo Mendes, o Caraça não é seu sobrevivente, é seu contemporâneo.

PALAVRA DO DIRETOR, PE. LAURO PALÚ, C. M.



Autorretrato do Padre Lauro Palú, na pedra da Cascatinha, mostra sua sensibilidade e irreverência fotográfica

Com quase doze anos de existência, o jornal Voz do Caraça desde a sua primeira edição mantém uma página dedicada ao Santuário do Caraça, uma parceria que começou com o então Diretor, Pe. Célio Dell'Amore. Até a escolha do nome do jornal teve inspiração no Santuário, com autorização do Pe. Célio. Para o jornal, é uma honra participar desta edição especial, riquíssima, com conteúdo fantástico de informações, além da qualidade fotográfica do Pe. Lauro Palú. E é justamente com ele, atual Diretor do Caraça, que começamos nossa entrevista.

Jornal Voz do Caraça: Qual a importância desta edição especial, caracterizada pelo dia a dia da casa e de seus visitantes?

Padre Lauro: Para comemorar os 240 anos do Caraça, tivemos um livro muito bonito e completo, intitulado SERRA DO CARAÇA, uma edição extraordinária, preparada pelo Dr. Christiano Ottoni, com minha colaboração; compramos a edição e vamos vendê-la aos poucos nos nossos departamentos, como lembrança inesquecível para quem nos visita. Depois fizemos uma revista, para guardar de lembrança, com riqueza enorme de fotos, em forma de álbum comemorativo, com duas partes bem distintas: uma breve, dedicada à história do Santuário e de sua Reserva natural, e uma parte maior de atualidades, com os comentários do que há de bonito, fascinante, misterioso, inesquecível e abençoado no Caraça. E agora editamos este jornal, que, pela própria natureza de folha diária, semanal ou mesmo mensal, é mais ágil, mais leve, mais no imediato. Mas esta edição vai ser tão caprichada que acredito que os leitores terão o gosto de guardá-la com seus livros, seus

recortes, suas edições especiais. Vai ter seguramente duração maior que um jornal comum. Por outro lado, com as indicações concretas que dará sobre passeios, trilhas, comida, loja de lembranças, é possível que se use bastante e se acabe rapidamente.

JVC: Sabemos de seu grande esforço e dedicação neste trabalho de edição. Como foi feita a escolha dos temas e das fotografias?

Padre Lauro: Para os temas, foram sugeridos alguns não abordados no álbum, que também vai aparecer nestes dias. Ainda quisemos completar alguma coisa que não aparecerá nos trabalhos anteriores. E vão servir como base para os próximos álbuns, que esperamos continuar publicando cada ano. Quanto às fotografias, algumas se impõem pelo tema, pela abordagem, pela beleza. Como contei com a escolha de vocês para muitas delas, acredito que a beleza, o enfoque jornalístico, o ângulo da tomada podem ter levado a escolher uma em vez de outra.

JVC: Numa reportagem bem interessante, as sete maravilhas do Caraça, o senhor fez a ligação entre as maravilhas do mundo antigo e moderno e, em tom descontraido e inteligente, indicou as sete do Caraça. Qual foi seu critério da escolha?

Padre Lauro: É evidente que cada um tem suas preferências, como escrevi no final do texto. Mas algumas coisas são unanimidades para quem chega ao Caraça. O interesse pelo lobo é internacional. O Vicente é assunto de perguntas de todos. O pôr do sol acende todas as máquinas e a fantasia de todos os fotógrafos. (E a qualidade das fotografias no Caraça melhorou muito nos últimos 15 anos)... Os vitrais, aliás, a igreja inteira e até suas catacumbas, são visitas obrigatórias, sempre emocionantes. A Cascatinha, nas cheias, é um espetáculo à parte, além de ser a atração mais procurada. Não mencionei a Cascatona, porque pouca gente chega até lá, normalmente. A biodiversidade atrai gente do mundo inteiro, para observar nossas aves e borboletas, pesquisar nossas orquídeas, líquens, musgos, bromélias, samambaias, os morcegos, os macacos, as antas, etc. A Caraça da serra, que deu nome a tudo aqui, é até monumento natural do Estado de Minas, por sua Constituição. Por aí se vê que os critérios foram muito objetivos e evidentes.

JVC: Que acha da ideia de fazer um

concurso para saber a escolha das sete maravilhas pelos turistas?

Padre Lauro: Maioria nunca foi critério de verdade, nem o argumento de autoridade resolve todas as questões. É uma boa ideia. Mas sabemos o que a propaganda e os interesses fazem nos levantamentos de opinião, haja vista a eleição da Presidente e dos Governadores.

JVC: 240 anos não são 24 anos. Avalie para nós em poucas palavras a importância religiosa, histórica e ambiental do Caraça.

Padre Lauro: É curioso, porque a importância histórica tem uma dimensão de passado e outra de futuro. O Caraça marcou seu lugar na educação mineira e brasileira, na política brasileira e mineira, na formação do Clero de Minas e reforçou a do Clero de outros Estados, pela preparação que deu aos seus Alunos, muitíssimos dos quais depois foram seus professores e diretores, como é meu caso atualmente. Quando se escreveu o livro sobre o lobo, por parte dos pesquisadores da Serra da Canastra, a equipe que monitora os lobos de lá veio entrevistar-nos, porque seria impossível escrever um livro sério sobre o guará, sem enfatizar a experiência do Caraça, tão longa e bem sucedida na educação ambiental, especialmente em relação à visão cultural, antropológica, emocional e mágica desse animal, não só para as crianças, mas para todos. No Caraça, temos consciência de como nosso trabalho de trinta e dois anos e meio de cuidados contínuos e de divulgação de informações consistentes e confiáveis sobre o lobo contribuiu para que fosse mais respeitado, menos perseguido e exterminado, mais protegido e admirado, tendo mesmo saído da categoria de animal em perigo de extinção.

JVC: Como foi sua chegada ao Caraça como diretor e quais são seus projetos atuais e futuros?

Padre Lauro: Acho que fui chegando devagar. E continuo chegando, conhecendo aos poucos muitas das dinâmicas do dia a dia. Por exemplo, conhecer as trilhas não é igual a conhecer a qualidade especial dos nossos funcionários, sua educação, sua atenção com cada pessoa, sua delicadeza, seus interesses, suas emoções com tudo o que ocorre aqui. É preciso ter visto um bruto incêndio nas matas para descobrir como isso dói no coração de cada um dos caracenses, mesmo dos hóspedes mais distraídos. Trabalhamos muito na

formação e qualificação de nossos funcionários e no seu bem-estar como pessoas e em suas famílias e suas comunidades. Para isto, temos uma eficiente coordenação ambiental, com bióloga formada e em fase de pós-graduação, e com uma psicóloga que trabalha a qualidade das relações de cada um com todos os outros. Temos uma gastrônoma, ajudando nossas Meninas a inventarem coisas e coisas na cozinha, na padaria, na doçaria. O mesmo se diga do cuidado com o aspecto moral e religioso, através do trabalho na igreja, nas celebrações, na formação catequética dos funcionários e de quem frequenta nossas celebrações. Cada vez que vejo, no refeitório, a galeria prestigiosa de meus predecessor, sinto-me responsabilizado e estimulado e me aparecem as indicações do que fazer, como líder da Comunidade, anfitrião desses milhares de visitantes, como estudioso da natureza e das pessoas e, se possível, amigo de cada um.

JVC: Para o jubileu dos 250 anos, haverá alguma coisa em especial? E porque nós gostamos de comemorar datas com números 'redondos', acha que dá uma ideia de preenchimento, de conquista?

Padre Lauro: Para o Caraça, cujas montanhas têm bilhões de anos (são do pré-cambriano), 250 anos não são nada... Mas esperamos sinceramente que o Estado e o País nos ajudem eficazmente a chegarmos a 2024, por exemplo, com bons resultados no processo de reconhecimento do Caraça, pela UNESCO, na categoria de Patrimônio Natural da Humanidade (de Paisagem Cultural, como se diz hoje), e na construção dos espaços culturais necessários, por exemplo para termos um museu digno, uma biblioteca espaçosa e suficiente para guardar e valorizar seu rico acervo e pô-lo para render eficientemente. Sobre tudo precisamos de um museu para a nossa riquíssima biodiversidade, da fauna e da flora, enquanto ainda não forem exterminadas, e também da sua riqueza mineral, geológica, hidrológica, etc.

JVC: Para finalizar, qual sua mensagem como diretor de um dos mais importantes centros de visitação de Minas Gerais, do Brasil e quicá do mundo?

Padre Lauro: "Menas"... meu caro, "menas"...

OS DONOS DO CARAÇA

É claro que o grande dono do Caraça, seu Criador e Artista, é Deus.

Depois de Deus, o Caraça é da Província Brasileira da Congregação da Missão, que o recebeu por herança do Irmão Lourenço de Nossa Senhora, em testamento executado por Dom João VI, em 1820. O Irmão Lourenço tinha escrito em seu testamento de 20 de março de 1806: "Declaro que a minha vontade sempre foi e é de que todos os referidos meus bens fossem para estabelecimento e residência de Missionários na forma do dito meu oferecimento a Sua Alteza Real, e não podendo conseguir-se para esse fim, que em tal caso servisse para um Seminário de meninos, onde aprendessem as primeiras letras e mais artes, ciências ou línguas" (copiado do Guia Sentimental do Caraça, do Pe. Pedro Sarneel). Quando Dom João VI executou o testamento do Ir. Lourenço, entregando o Caraça aos Padres Leandro e Viçoso, quis que na casa que lhes confiava se estabelecesse um "Hospício de Missionários", isto é, uma hospedaria, um alojamento

para os Missionários. Está escrito na carta régia de 31 de janeiro de 1820: "Considerando Eu o quanto a Religião de Jesus Cristo que felizmente professamos e a pura Moral que Ele ensina, faz felizes os Povos e chama sobre o Rei e os seus Vassalos as bênçãos do Céu; Fui servido (...) determinar que no Edifício e Igreja sobredita fique estabelecido um Hospício (=uma hospedaria) para os Padres da Congregação da Missão de S. Vicente de Paulo, a fim de que estes não somente naque-la Igreja administrem a palavra e socorram espirituais, mas dali hajam de sair em Missões para os lugares da referida Província de Minas Gerais e para as outras Províncias aonde possam acudir e os Ordinários do Lugar

(= os Bispos) lhes pedirem" (da mesma fonte).

De posse do testamento do Ir. Lourenço, D. João VI ofereceu aos Padres Leandro Rebelo Peixoto e Castro e Antônio Ferreira Viçoso, padres Lazaristas, da Congregação da Missão, a casa do Caraça, com suas dependências e pertences. Os padres aceitaram a oferta, muniram-se de uma Carta Régia que lhes garantiria a posse da herança, rumaram para Minas Gerais, em uma viagem demorada, turbulenta e atropelada, chegando ao Caraça no dia 15 de abril de 1820. A posse legal da herança do Ir. Lourenço lhes foi dada pelo juiz de fora da Comarca de Sabará, no dia 29 de abril.

Depois da fundação do Colégio, que foi o melhor do tempo do Império, também funcionou no Caraça o Seminário onde se formaram muitíssimos Padres e uns 30 Bispos, além das grandes levas de ex-Alunos que se destacaram nas fileiras da política, na magistratura, no magistério, nas ciências e artes, como o sabem muito bem a cultura e a civilização mineira e brasileira.

Depois do incêndio de 1968, que destruiu as instalações do Colégio e Seminário, o Caraça se levantou das ruínas, proposto ao Brasil como um centro de peregrinação, cultura e turismo, e hoje ainda como um centro de preservação e de educação ambiental. É responsabilidade e tarefa da

Província Brasileira da Congregação da Missão, proprietária e mantenedora do Caraça, continuar fornecendo à Casa, dentre seus membros-sócios, Coirmãos qualificados que assegurem a continuidade e o desenvolvimento dessa obra, pastores zelosos que garantam a assistência espiritual e missionária às Comunidades da Baixada caracense, com um esforço de turismo consciente, transformador, educativo, que zele pelo patrimônio natural incomparável que são os milhares de hectares de mata e montanhas do Caraça, além da conservação de sua memória histórica e do desenvolvimento dos ideais que a Igreja e a Congregação da Missão se propõem com o Santuário, o turismo, a educação dos leigos em geral.



Irmão Lourenço



Dom Viçoso



AS ALEGRIAS INESPERADAS

Viver no Caraça, mesmo que seja um dia só, sempre traz surpresas agradáveis e alegrias inesperadas. Às vezes, uma chuvinha para atrapalhar o passeio que a gente não estava mesmo com vontade de fazer, porque já está meio cansada. Às vezes, um solão daqueles, quando a gente quer se bronzear um pouco. Vem gente



nossa conhecida, chega algum amigo que a gente não vê há tempos e nem sabia se ainda estava vivo.

No campo das coisas que a gente encontra, muita novidade nos espera, cada dia: uma revoada de tanajuras, um enxame de abelhas ou de vespas mata-cavalo, um bando de porcos-domato que atravessa o asfalto, à frente do carro. Até uma onça preta já pulou do barranco e atravessou calmamente o asfalto, na frente do ônibus que subia muito devagar a subida forte.

O Padre Wilson que ia celebrar a missa lá na Baixada viu de uma vez quatro jaguatiricas, pai e mãe e dois filhotes, uma verdadeira jornada mundial das jaguatiricas!... O ônibus chega à curva e a gente vê uma anta grande e um filhote pastando na beira da estrada e entram no mato correndo. Você está chegando à Cascatinha e dá de cara com um bando de macacos guigós, atravessando a mata, pulando em

cima de árvore em árvore. Achou que a água estava geladíssima e nota que está muito agradável, nada fria.

Como se chamam essas frutinhas azuis tão bonitas? Que tipo de besouro é este? É



borboleta ou besouro? Olhe o sapo pulando no corredor, perto da porta. O susto da rãzinha na porta. Você entra no refeitório e alguém faz aniversário e lhe dá uma boa fatia do bolo, uma gostosura. Aquela criança linda rindo ainda sem dentes, chupando o biscoito meio duro. Estamos esperando o lobo-guará e chega (chegava) a jaratataca,

agora chegam os cachorros-domato lá no estacionamento. Este bando de cogumelinhos amarelos. Estes frutos que também vi no ano passado.

O biólogo está procurando girinos e encontra uma espécie nova de peixe. Outro biólogo avista um líquen novo. Aquelas três espécies novas de borboletas que o entomólogo encontrou em menos de meia hora, lá na Cascatona. Aquela orquídea alaranjada que floresceu no alto daquela árvore, ano passado, e agora está aqui no galho que caiu e está abrindo seus botões em cinco cachadas vigorosas.

Uma conversa boa, alguém que comenta com os outros que é o seu aniversário, alguém que pergunta daquela namorada do ano passado (cala essa boca!). Seu ex-aluno que você encontra depois de trinta anos e lhe apresenta seu filho a quem deu o nome de você, pela lembrança da amizade antiga e

jamais esquecida. São de fato milhares de alegrias inesperadas, no Caraça. E, SE VOCÊ OLHAR BEM, EM TODO LUGAR ACONTECE ISSO, BASTA ESTAR ACORDADO, ATENTO, que a sorte vem vindo, a alegria está nascendo, a esperança remoja, os milagres estão começando, a vida continua rica e sempre fabulosa.



UM LOBO SOZINHO

A criação que vem ao Caraça e passa a noite aqui sempre quer ver o lobo. Os menores geralmente pensam que é o lobo mau das histórias em quadrinhos ou dos desenhos animados.

Mas o lobo que vem ao adro da igreja, cada noite, não tem nada que ver com aquele lobo do norte do mundo, dos Estados Unidos e do Canadá, da Europa e da Ásia. O nosso é um canídeo como aquele, mas com muitas diferenças: o nosso late, não uiva; é pacífico, brincalhão, mesmo amoroso e amigo, ao passo que o de lá é feroz, pode atacar pessoas e ataca outros animais; finalmente, o lobo do norte do mundo é gregário, isto é, anda em bandos, em alcateias, ao passo que o nosso é solitário, anda em geral sozinho, embora o macho zeze, a certa distância, pela segurança de sua família, da fêmea e dos filhotes.

Faz 32 anos e meio, desde maio de 1982, que eles aparecem, e já comeram toneladas de carne e ossos, nesses milhares de noites em que nos visitaram. Chega sempre um só, exceto quando a fêmea traz algum filhote que está iniciando na caça. Se comerem juntos, deve ser filhote com a mãe ou irmão com irmã, dois filhotes, porque o macho é egoísta e agressivo, não deixa outros comerem com ele.

Eles se acasalam em abril-maio, aqui no Caraça, e nascem em junho ou julho, depois de 62-65 dias de gestação, dois ou três filhotes, às vezes um só. Nascem pretinhos e só com os primeiros meses vão pegando a cor dos adultos: as pernas pretas, o corpo alaranjado, uma faixa de pelos pretos no dorso, a ponta do rabo bem esbranquiçada. O nome técnico deles é *Chrysocyon brachyurus*, que quer dizer animal-dourado-de-rabo-curto. Um

lobo grande pesa entre 25 e 30 quilos. E eles caçam entre 25 e 30 quilômetros, cada dia, em geral no começo da noite e de manhãzinha.

Quantos lobos temos no Caraça? É só uma família, um macho, uma fêmea e dois ou três filhotes, conforme o ano. Quando crescem, eles lutam entre si, os lobos e as lobas, e no território ficam só os dois mais valentes, que podem ser o macho e a fêmea que já estavam dominando, ou o pai e uma filha; ou um filho e a mãe; ou um irmão e uma irmã. É como se eles esquecessem a noção de parentesco e ficasse só a noção de gênero, macho e fêmea. No ano seguinte pode mudar um deles ou são expulsos os dois e por isso não há acumulação significativa de caracteres genéticos negativos nesse modo de formar a família deles. Quando expulsos, devem procurar uma região onde não haja outros lobos nem cachorros, para estabelecer-se e formar nova família.

Uma família precisa de 2.500 hectares, para haver caça suficiente para todos: aqui no Caraça, a extensão daria para cinco famílias, mas é muita montanha e mata fechada, onde eles não vão habitualmente, e por isto fica só uma família colonizando todo o nosso terreno.

Eles comem na frente da igreja e continuam caçando bastante. Caçam bichos e comem vários tipos de frutas, como goiaba, araçá, gabioba, maria-preta e beija-mão e sobretudo a fruta-do-lobo. Gostam quando pomos banana junto com a carne e os ossos. Se pusermos mamão, comem no fim, como sobremesa, mas começam com a banana.

No horário do verão, os lobos vêm mais cedo, mas os jacus também vêm e comem as bananas antes do lobo, uns gulosos. Os lobos são pacíficos, nunca atacam as pessoas. Já aconteceu de alguma loba rosnar meio brava, porque gente passou por perto dos lugares onde estão escondidos os filhotes.

COMENDO COMO



LOBO-GUARÁ

As jaratatacas comeram sete anos, depois sumiram. Esperamos que voltem!

No verão, basta colocar a bandeja com a comida do lobo-guará, e mal o Padre Lauro começa a bater a bandeja no chão, os jacus vão correndo subir a escadaria e comer o que houver. Se há bananas, um agrado frequente para o lobo, começam por elas, que acabam num instante. Quando as cozinheiras colocaram pedaços crus de fígado, ainda sangrando, os jacus praticamente chupavam as fatias, gulosamente. São bastante limitados na sua percepção das coisas, porque, quando há pele de frango, com ou sem os retalhos de carne branca, pegam os pedaços com o bico, em geral escolhendo os maiores. A pele pendurada balança e os assusta. Deixam cair no ladrilho e, quando veem que está "morta", a comem rapidamente...

Dia após dia, de manhã cedo, os monitores, as moças da manutenção, o Padre Lauro vão ver como ficou a bandeja, se sobrou osso, se há sinais diferentes em volta. Nas tardes claras do verão, acompanhando os jacus, ou nas manhãs frias de quase todo o ano, além dos jacus, vêm outras aves comer dos restos da bandeja do lobo-guará.

Já foram fotografados por ali, beliscando, escolhendo os grãos de arroz nos ossos de galinha, quase duas dezenas de aves: os gaviões caracará e carrapateiro, os sabiás de cabeça cinzenta e o laranjeira, os tico-ticos, muitíssimas vezes, no verão, acompanhados dos grudentos, gulosos, exploradores chopins, os insaciáveis godelos ou gaudérios, os canarinhos da terra, dois ou três tipos de bem-te-vi, o comum, o de penachinho vermelho, o de asa enferrujada, mais o gibão de couro, uma vez um joão-de-barro, uma rolinha, a maria-preta, o lavadeirinha ou

viuvinha, alguns sabiás-de-encontro-amarelo, de coqueiro e o cinzento, até andorinha, recentemente.

Além das aves, outros bichos sabem da comida do lobo e têm aparecido. Durante uns seis ou sete anos, apareceram algumas vezes por mês as jaratatacas, que sumiram a partir de agosto de 2013, quem sabe assustadas e afastadas pelos cachorros-domato, talvez até eliminadas por eles. Com os lobos, a jaratataca se deu bem, geralmente, pois ele sabe que não a pode provocar ou atacar, porque jogará aquela secreção nojenta em cima dele e ficará uns dez dias sem faro útil para a caça...

Os cachorros-domato ainda não sobem a escadaria enquanto há turistas conversando no adro da igreja. Mas de madrugada vão adultos e filhotes, possivelmente em bandos de sete ou oito, como já foram vistos e contados no pátio do estacionamento e na primeira subida do Calvário, ao lado das escadas.

Onça, nunca foi vista na escadaria, até agora, graças a Deus. Mas já foram fotografadas no jardim pegadas de antas e rastros de veados (atingueiro ou mateiro), que se veem de tarde passando pela colina ao lado direito da casa ou na rampa que leva à casa das Sampaiais. Os coelhos tapitis que vão dormir nos canteiros do jardim podem explicar os rastros de predadores por ali. A última novidade, neste campo, foi o avistamento em duas semanas do gato-mourisco ou puma jaguarundi, por cinco biólogos e um funcionário, em várias horas e locais.

Esta surpreendente variedade de bichos tão perto dos hóspedes é um encanto próprio do Caraça. Compreende-se perfeitamente o cuidado em não afastar a bicharada, no finalzinho da tarde, no cair da noite e de madrugada.



“Quando expulsos, devem procurar uma região onde não haja outros lobos nem cachorros, para estabelecer-se e formar nova família.”

AS SETE MARAVILHAS DO CARAÇA

Quem ainda se lembra das sete maravilhas do mundo antigo? As pirâmides do Egito, o farol de Alexandria, o colosso de Rodes, o mausoléu de Halicarnasso, o templo de Diana em Éfeso, a estátua de Zeus em Olímpia, os jardins suspensos da

Babilônia. Quem sabe as 7 maravilhas do mundo moderno? A campanha de votação popular mobilizou o pessoal dos vários países, para garantirem sua especialidade. Foram mais votadas: A muralha da China, Petra na Jordânia, o Coliseu de Roma, Chichén Itzá no

México, Machu Picchu no Peru, o Taj Mahal na Índia e o Cristo Redentor, no Rio de Janeiro. O Caraça foi escolhido uma das sete maravilhas da Estrada Real, lembram-se? Ficou em companhia do Santuário de Aparecida, da Praça Minas

Gerais de Mariana, da gruta da Lapinha de Lagoa Santa, da Casa de Ópera de Sabará, do Parque da Serra do Cipó, da Cachoeira do Tabuleiro em Conceição do Mato Dentro. E AS SETE MARAVILHAS DO SANTUÁRIO DO CARAÇA?



Os lobos-guará faz 32 anos e meio que visitam o adro da igreja onde vêm comer calmamente as carnes e os ossos que lhes oferecem os Padres. Os milhares de hóspedes, cada noite, os esperam, ouvindo a preleção do Diretor do Caraça ou de um dos monitores. Nem sempre vêm em horário de gente, mas raramente faltam (só nos últimos dois meses faltaram bastante, sem que se saibam, até agora, as razões da mudança de seus hábitos).



O Vicente Calixto, com seu sorriso e sua bondade, é patrimônio de todos os amigos do Caraça. Não se sabe exatamente sua idade, e algumas pessoas acham que foi do tempo do Irmão Lourenço de tão velhinho que parece. Parece que anda pelos oitenta. Sua alegria são a lua cheia, uma vez por mês, as festas juninas quando se casa (de mentirinha) e os presentes que ganha de seus amigos, um anel para o casamento, um radinho de pilha, uma sacola bonita, outra camisa do lobo.



Os vitrais da igreja são cinco, referentes a momentos da vida de Cristo, do nascimento e infância até ao primeiro milagre, nas bodas de Caná. O do centro foi doado por Dom Pedro II, como figura da juventude que ele viu no Colégio do Caraça, em sua visita de 1881, como símbolo do esforço bonito dos estudantes.



O pôr do sol não é sempre avermelhado, especialmente depois das muitas chuvas, mas em vários meses é bastante colorido, por causa da poluição atmosférica da região metropolitana de Belo Horizonte, sobre a qual passam os raios no crepúsculo. São momentos de muita admiração e emoção.



A Cascatinha cheia, nos meses de chuvas, especialmente fins de dezembro e boa parte de janeiro, contrasta com o pouco de água que cai nos meses de secas, quando a gente brinca de salvá-la, levando garrafinhas de água para jogar nas pedras. É seguramente o atrativo mais visitado do Caraça, onde a criançada e os adultos mais se divertem. Depois dela, a Piscina e os Tabuões de Baixo.



A riquíssima biodiversidade, que reúne fauna e flora excepcionais, cuidadas de modo exemplar na Reserva Particular do Patrimônio Natural do Santuário do Caraça. As *checklists* apresentadas para a redação do Plano de Manejo da RPPN destacaram a presença de milhares de espécies preciosas, algumas próprias só do Caraça ou das montanhas do Espinhaço.

A grande caraça na serra é tão impressionante que foi escolhida e hoje é protegida como monumento natural, tombado na constituição estadual de Minas Gerais, em 1989. É das paisagens mais impressionantes do Brasil e do mundo, especialmente quando vista dos melhores pontos do Caraça, a Pedra da Paciência, o Mirante depois da Piscina e sobretudo do meio dos Pinheiros.

Mas é possível uma segunda lista, uma terceira, uma quarta, centenas delas, conforme o interesse e a paixão de cada caracense ou amigo do Caraça.

OS VITRAIS GÓTICOS

Vitral da esquerda: O NASCIMENTO DE JESUS. Havia um silêncio, nasceu um canto. Havia um escuro, nasceu uma luz. Havia uma seca, nasceu uma fonte. Havia uma solidão, nasceu um amor. Havia um rancor, nasceu o perdão. Havia Nossa Senhora, menina feliz e inocente, e dela nasceu o Menino Jesus, Filho de Deus, nosso irmão e salvador. Com os pastores e os magos, vamos adorá-lo.



Segundo vitral: A APRESENTAÇÃO DE JESUS NO TEMPLO: Entre as altas colunas, caminhavam a Mãe e São José. Frente aos muros de pedra, fremiam as esperanças dos séculos e as promessas do futuro. Sob a cúpula dourada, elevavam-se as nuvens de incenso e os cantos dos humildes. Nossa Senhora leva nos braços o Menino e o apresenta ao Pai, em adoração e obediência.



Vitral do centro: O ENCONTRO DE JESUS ENTRE OS DOUTORES NO TEMPLO: Entre tantas crianças da romaria, nenhuma era Jesus e por isso Maria e José voltam aflitos, procurando o Menino. Ele, no Templo, falava com os doutores da lei e os sacerdotes, contando as coisas de Deus, explicando os profetas, lendo para eles o futuro. Menino, quem que te ensinou tudo isso? E nós aflitos te procurando nas ruas, nos caminhos, entre os bandos, Menino!



Quarto vitral: A CASA DE NAZARÉ: Nossa Senhora fiando lãs e profecias, tecendo blusas e bordando o futuro desse Menino, Adolescente e Moço, que trabalha como carpinteiro. José acha que não merece aquela Mulher e aquele Menino em sua casa. Casa cercada de Anjos, coberta de bênçãos, imagem do céu e bem plantada na terra, iluminada pelo sol e por uma luz que vinha de dentro deles.



Vitral da direita: O CASAMENTO EM CANÁ: Com Nossa Senhora, a festa ficou mais alegre. Com Cristo, ainda mais alegre. Com vocês a meu lado, a vida fica sempre mais alegre. O bom da festa é esperar por ela. É ter saudades dela. O bom é que nunca termina. Festa muda água em vinho, em força, em glória. O bom da festa é Jesus ao lado de Maria, o Menino ainda obedecendo à Mãe.



NATAL E ANO NOVO NO CARAÇA

As reservas para o Caraça são feitas com uma antecedência de seis meses, normalmente. Em janeiro, já estão esgotadas as vagas para o carnaval, a semana santa e os feriados de Corpus Christi. Há famílias e pessoas isoladas que fazem do Caraça seu ponto preferido, por exemplo, para o Natal e o Ano Novo.

O que atrai alguns para as festas do fim do ano são a possibilidade de passar uns dias inteiramente sossegados, depois da correria do ano inteiro e especialmente do final do ano, com fechamento de contas, exames, balanços, a aflição dos presentes, a maluquice da vida de quem vive ao ritmo da propaganda da televisão, das revistas e dos jornais.

As festas do Natal e do Ano Novo se caracterizam, no Caraça, pela quantidade de hóspedes, sempre com gente nova, que conseguiu sua vaga pela primeira vez e por sorte e vem experimentar a tranquilidade e o convívio das outras pessoas, das famílias, dos grupos que chegam.

Pe. Lauro celebrou as duas missas, nas noites santas do nascimento de Cristo e da passagem do ano, com a igreja do Caraça cheia de gente. Terminada a celebração, vão todos para o grande refeitório, para uma animada ceia mais que festiva.

Os olhos das crianças se acendem de alegria, com os balões, os enfeites, a mesa de doces, as outras crianças já com presentes nas mãos, a festa de todos.

Os adultos, igualmente, se encantam com as mesas dos salgados, o peru, o leitão assado, os centros das mesas com os montes de frutas, as mesas dos espumantes, as centenas de copos, as pilhas dos pratos, a conhecida e reconhecida competência dos festeiros e festeiras do Caraça.

E o Pe. Lauro, nas duas vezes em que fez aos hóspedes e visitantes os bons votos em nome do Caraça, ressaltou o fato de a maioria das pessoas já serem conhecidas de vários anos, sempre presentes nessas festas, formando um tipo novo de família, não só com os parentes de sangue, mas com os companheiros de outros anos, com tanta coisa boa a comentar, do que sonharam e conseguiram desde a última vez em que estiveram ali festejando juntos.

De fato, dá gosto ouvir um casal como o Wilton Hernandes e a Olívia que faz 35 anos que se casaram e 25 anos que estão comemorando essa data mais que sugestiva ali no Caraça, com a missa do Ano Novo e os amigos de sempre.

Outra coisa que marca estas duas datas, como a outra, também muito simbólica, da Páscoa, com sua comemoração festiva e gloriosa, é a quantidade de jovens casais, cujos componentes ali estiveram ainda crianças, cresceram como adolescentes aventureiros e jovens sonhadores e agora já estão com suas próprias famílias, alguns já com os recém-nascidos, os futuros hóspedes das décadas seguintes.

AS MISSAS NO CARAÇA



Os turistas acompanham a homenagem do sol ao criador

Já faz tempo que muitas famílias vão ao Caraça unicamente para participar da missa nos domingos. Às vezes, a bela igreja gótica fica cheia de gente de uma só paróquia. Noutras manhãs, vão poucas pessoas e de vários lugares. O Diretor do Caraça, Pe. Lauro Palú, é quem celebra essas missas, às 11 horas.

Começa perguntando de onde são as pessoas presentes, pedindo que se aproximem e se juntem nos primeiros bancos. Brinca com todos: "Tem medo de padre?" Se dizem que não, chama para os primeiros bancos, lembrando a promessa de Jesus Cristo: "Onde dois ou três estiverem REUNIDOS no meu nome, eu estarei no meio deles".

Cada parte da missa tem sua dinâmica, seu sentido, seu objetivo. São quatro momentos: Deus nos reúne, Deus nos fala, Deus nos alimenta, Deus nos envia. Na liturgia inicial, pedimos perdão a Deus e aos outros, oferecemos nosso perdão, nos reconciliamos, rezamos pelas intenções de todos, vivos e falecidos, presentes e ausentes. Na liturgia da Palavra, ouvimos o que Deus nos fala, pelos profetas, pelos Apóstolos e pelo próprio Jesus Cristo no Evangelho.

Os comentários da Palavra de Deus são feitos para ajudar todos a compreender o que Deus espera de nós e

como concretizar os projetos de Jesus Cristo em nossa vida de cada dia.

No ofertório, Pe. Lauro convida as pessoas, se são relativamente pouco numerosas, para o acompanharem, junto do altar, com os gestos litúrgicos das oferendas, da oração de louvor, da adoração, do pedido ao Pai nosso, da paz que recebemos de Cristo. Muitos dos gestos que se usam na liturgia vêm dos costumes orientais e Pe. Lauro

explica o sentido de cada um, convidando as pessoas a participarem com beleza e gosto na celebração.

Em conversa com os fiéis, depois da missa, quando lhe agradecem a experiência de uma celebração tão rica e explicada, Pe. Lauro às vezes comenta duas lembranças de missas dele no Caraça, quando, por exemplo, três crianças, em ocasiões distintas, acabaram fazendo a Primeira Comunhão nessas missas, porque se sentiram levadas interiormente para completar sua adesão, porque já estavam preparadas, iam comungar em suas paróquias poucos dias depois, e sentiram que era a hora de Deus, indo comungar no Caraça. E a outra lembrança, que enternece o Pe. Lauro, é a Dona Aurora, que estava rindo enquanto ele comentava os gestos e ritos. Ele provocou: "Dona Aurora, a senhora está rindo de mim!" Ela respondeu: "Não é não, Padre, é pura felicidade!" Ela estava no céu!... Pe. Lauro acha que foi o elogio mais bonito que já recebeu em seus 50 anos de padre.

Os Padres Wilson e Luís Carlos celebram missa em diferentes horários, nas comunidades da Baixada caracense, nas várias vilas, como Sumidouro, Santana do Morro, Brumal, Barra Feliz.



Dia 7 de setembro, o sol poente ilumina diretamente o sacrário.

FOTOS DO CARAÇA

Indo ao Caraça, nosso leitor não deixe de visitar o Museu, no prédio restaurado depois do incêndio de 1968. Ali, entre outras coisas admiráveis, há uma extraordinária maquete da propriedade, da área total do Caraça, 11.233 hectares muito bem documentados, onde se podem localizar a casa, os lagos, as cachoeiras principais, a estrada, os sete picos, tudo o que constitui a riqueza e o esplendor daquela natureza abençoada, privilegiada por Deus e tão bem cuidada. Os Padres do Caraça, os monitores e os guias turísticos, em geral, ressaltam que, em 240 anos, o Caraça só teve dois proprietários, o que explica que esteja até hoje tão bem caracterizado e preservado. A comunidade do Caraça, a Província da Congregação da Missão à qual pertence a Reserva, trabalha, com largueza de visão, para esse patrimônio excepcional e exemplar ser reconhecido como paisagem cultural da Humanidade, título altamente significativo, outorgado pela UNESCO para reservas, patrimônios naturais, formações geológicas e relíquias da ocupação humana em todo o mundo.

Pois o Caraça pode ostentar uma coleção muito importante para documentar a extraordinária riqueza de sua biodiversidade. São as mais de 40.000 fotos digitais que o Pe. Lauro vem clicando, ao longo dos últimos 15 anos. Fomos ver essa coleção no seu computador e nos mostrou tudo organizado em arquivos especiais.

Estão copiadas, por datas, em arquivos próprios, as fotos dos animais em geral, depois de grupos como os sapos e rãs, as aranhas, as aves, os besouros, os cupinzeiros, os insetos em geral e especialmente as borboletas e mariposas, as vespas e abelhas, os imaturos (aqueles que você ainda nem sabe o que vão ser, depois das metamorfoses que ocorrem neles), as galhas (aqueles ovos e larvas que aparecem nas folhas e nos ramos das plantas, obras de muitos tipos de pequenos predadores), depois vêm os mamíferos, mais crescidos, como o lobo-guará, a jaratataca, hoje também o cachorro-do-mato, os lagartos e as cobras, os peixes (só fotografou uns pouquinhos, mas um deles era uma espécie nova!).

Ainda no campo dos animais ou da fauna, há um arquivo com as posturas de ovos de diversos tipos de insetos, outro arquivo interessante sobre os mimetismos com que os insetos se disfarçam e passam despercebidos, para livrar-se dos caçadores ou para caçarem sem serem notados por suas presas... Há um arquivo de rastros, para saber se é de onça ou de outro bicho grande, e esse arquivo se completa com as fotos dos excrementos dos animais, pois podem ser de onça, do lobo, dos veados, de irara, de cachorro-do-mato. Falando de rastros, um arquivo pequeno fotografa os caramujos e as lesmas.

Há uma bonita coleção de fotos de montanhas, abismos, cachoeiras e pedras, o arquivo da geologia. E há, enfim, os arquivos de botânica: plantas especiais como as balanoforáceas e as aristolóquias, e outras mais conhecidas como as carnívoras, os musgos, as bromélias, os cactos, as quaresmeiras, as flores em geral e as flores de capim, uma quantidade de arquivos de samambaias, de orquídeas, de palmeiras, de maracujás, um grupo muito

grande de arquivos de fungos e cogumelos e um arquivo especial, cheio de "mistérios" que o Pe. Lauro nem não sabe o que são, se vegetais, se animais, se... E já passou cópias para vários pesquisadores que ainda não decidiram o nome ou a natureza de tudo...

Falando nas identificações que recebe da parte de vários professores de universidades do Brasil e até da Europa, Pe. Lauro diz que pretende mandar cópias desses arquivos para os laboratórios das universidades cujos professores o ajudam nas classificações dessa imensa e excepcional biodiversidade.

E tem mais, pois, duas vezes por ano, são expostas fotos bem grandes dessas maravilhas, acompanhadas de textos explicativos muito completos, no Museu do Caraça. Vale a pena ir ver, cada semestre, as novidades (e mesmo comprar algumas fotos de lembrança, para enfeitar suas paredes, seus corredores, seus quartos, para encantar suas crianças ou os hóspedes de suas casas).





Uma espécie nova de peixe, descoberta nos Tabuões, a partir da foto do Pe. Lauro

PESQUISAS CIENTÍFICAS

Desde 1816, o Caraça tem sido visitado por cientistas de todo o mundo, vindos isoladamente ou em expedições. Ainda em tempos do Irmão Lourenço vieram Auguste de Saint-Hilaire, francês, em 1816-1817; Georg Heinrich von Langsdorff, alemão, em 1816-1817 (e 1824); Karl Friedrich Philipp von Martius e Johann Baptist von Spix, alemães, em 1818; Friedrich Sellow, alemão, em 1819 (e de novo em 1830); Frans von Olferz, alemão, em 1818-1819; depois da chegada dos Padres vicentinos, passaram pelo Caraça Johann Emmanuel Pohl, alemão, em 1820 (na serra, mas não no santuário); Ludwig Riedel, alemão, em 1824 e 1825; Frederik Christian Raben, dinamarquês, em 1836 (também na serra, não no santuário); George Gardner, escocês, em 1840; Peter Claussen, dinamarquês, em 1843; Auguste F. M. Glaziou, francês; Francisco Ribeiro de Mendonça, brasileiro, em 1884 e 1885; Edvard Vainio, finlandês, em 1885; Émile Gounelle, francês, em 1885, 1899 e 1903; Ernst Ule, alemão, em 1892; Carl August Wilhelm Schwarke, alemão, em 1893 (na parte leste da serra do Caraça); Erich Werdermann, alemão, 1932; e Fritz Mattick, alemão, em 1953 (Fritz Mattick, Auf den Spuren des Lichenologen Wainio in Brasilien: Das Carassa-Gebirge, in Willdenowia, Mitteilungen aus dem Botanischen Garten und Museum Berlin-Dahlem - Bd. I Heft 3, S. 404-432, 24. Februar 1956). Também estiveram no Caraça: Álvaro Astolpho da Silveira, na

década de 1920, estudando os pepalantos, e depois Frederico Carlos Hoehne, Guido Pabst, Anton de Ghillany e Rubens Custódio da Mota, orquidólogos; Herbert Schindler, Marcelo Marcelli e Adriano Spielmann, liquenólogos; Olaf Hermann Hendrik Mielke, Pe. Francisco Silvério Pereira, Maria Aparecida Vulcano e Marcela L. Monné, entomólogos; Alexandre Salino, João Renato Stehmann, Jefferson Prado, Denilson Peralta, Harold E. Strang, botânicos; Sônia A. Talamoni, Joaquim de Araújo Silva, Paula Cabral Eterovick, Ney Carnevalli, zoólogos; Helmut Sick, Luiz Pedreira Gonzaga, Marcelo Ferreira de Vasconcelos e Carlos Rodrigo Meirelles Abreu, ornitólogos; José P. Pombal Jr., Paulo Passos e Rodrigo C. G. Souza, herpetólogos; Luís Cláudio Ribeiro-Rodrigues e Maximiliano de Souza Martins, geólogos, etc.

No Caraça, atualmente, tanto o Diretor, Pe. Lauro Palú, como a bióloga responsável pela Coordenação Ambiental, Aline Cristine Lopes de Abreu, auxiliam os pesquisadores, interessados pessoalmente e colaborando na coleta e conservação do material necessário e útil para as pesquisas. Seus nomes integram as expedições científicas, o que facilita a coleta e conservação, ao longo do ano, dos espécimes que aparecem, casualmente ou trazidos por visitantes das caminhadas, por exemplo, uma cobra atropelada no asfalto, um pássaro batido nos vidros do museu, etc.

OBSERVADORES DE AVES

Os jacus, as aves mais fáceis de ver no Caraça...

Elas vêm em bandos, quase sempre falando inglês, mas também falam francês e às vezes até português. Sabem que o Caraça é uma reserva especialmente rica em passarinhos e vêm observar nossas aves. Um rapaz ou uma moça os guia, como um grupo disciplinado de colegiais. Não perdem tempo, saem todos na mesma hora, andam juntos, trabalham juntos, de noite, conferindo suas listas e revendo fotos e os livros de figuras do que já viram e ainda esperam ver, especialmente o que vão tentar ver de todo jeito.

No Caraça já se documentaram até o momento, pelas últimas informações obtidas dos nossos amigos da Católica de Belo Horizonte, 387 espécies de aves, desde os minúsculos beija-flores de 6 ou 7 gramas de peso (com bico e tudo!) até as imensas águias de dois metros de envergadura, a chilena e a cinzenta.

Um dos bandos de observadores, recentemente, era um número, falando-se teatralmente: não conversavam com

ninguém, vinham em fila, passavam de cabeça baixa, sumiam no corredor, só reapareciam amanhã cedo, indo para o refeitório, cabeça baixa, naquela fila deles... A gente se admira de ver pessoas de idade, com aquelas teleobjetivas pesadíssimas, andando o dia inteiro, saindo bem cedo, votando para o almoço e a janta, trabalhando de noite para completar e rever as listas, que baita energia eles têm.

Alguns descontam no café da manhã, com o suco de fruta, as talhas grandes de melancia, o quarto de papaia, os ovos fritos na chapa, os queijos derretidos, o café, o mel na panqueca, vê-se que vão passar o dia no mato...

Pois um deles, depois de ter observado as aves na Amazônia, de ter passado as maravilhas do Pantanal, de se ter encantado com as Cataratas do Iguaçu, dizia que a melhor coisa que encontrou no Brasil tinha sido o nosso fogão, esse dos ovos e dos queijos derretidos. Benza-o Deus!



GENTE DO MUNDO INTEIRO

Dia a dia, o Caraça se afirma como um centro de turismo, uma de suas vocações históricas. Desde o Irmão Lourenço de Nossa Senhora, fundador e construtor da ermida e da hospedaria, que já viu sua obra recém-iniciada ser visitada por Auguste de Saint-Hilaire, o infatigável naturalista e botânico francês, o Caraça não deixou de ser visitado por gente de todo o mundo.

Em 2014, vieram pessoas sozinhas ou famílias inteiras de pelo menos 49 países, dos vários continentes. Pelas assinaturas no livro de visitas, pelas fichas da recepção, pelas conversas com os grupos que se caracterizam por objetivos especiais, cada semana

aumentava o rol dos países.

Assim, até 31 de dezembro, vieram visitantes e hóspedes dos seguintes países, apresentados pelos continentes:

Europa: Alemanha, Áustria, Bélgica, Dinamarca, Escócia, Eslováquia, Espanha, França, Grécia, Holanda, Hungria, Inglaterra, Irlanda, Itália, Noruega, Polônia, Portugal, Rússia, Suécia, Suíça;

Américas: Argentina, Bolívia, Canadá, Chile, Colômbia, Estados Unidos, Guadalupe, Guiana Francesa, Honduras, México, Nicarágua, Panamá, Paraguai, Porto Rico, República Dominicana;

Ásia: Cazaquistão, China, Índia, Israel, Malásia, Síria;

Oceania: Austrália, Havaí, Nova Caledônia, Nova Zelândia;

África: África do Sul, Madagascar, Quênia, Tunísia.

Total: 49 países, e 50 com o próprio Brasil, sem nenhum exagero, sem arredondamentos.

Muitos vêm por propaganda de amigos e conhecidos; outros, por lerem coisas bonitas nos livros de turismo, como nos guias franceses, que são muito precisos nas informações. Os pequenos erros nas altitudes dos picos ou nas datas de alguns acontecimentos, nos guias espanhóis ou holandeses, não impedem as visitas nem atrapalham tanto... O *site* do Caraça ajuda muito e as agências de turismo também colaboram positivamente. A maioria dos

estrangeiros fala inglês, francês, espanhol, italiano, nessa ordem decrescente, e vários funcionários do Caraça já estão aprendendo suas primeiras frases em inglês, para ajudar a receber bem os hóspedes e visitantes.

Vêm famílias e grupos de interesses, como os observadores de aves ou de os botânicos em campanhas de coletas de plantas. Ficam um dia, dois, às vezes a semana inteira. Alguns escrevem, agradecendo e mandando *links* para seus *blogs* e suas memórias ou diários de viagens. Muitos vão prometendo voltar. Gostam sobretudo quando lhes explicam as riquezas da biodiversidade, as lendas e a história do Caraça, nas várias línguas.



Foto: Internet

OS MITOS E AS LENDAS CARACENSES

Num lugar antigo como o Caraça, o que não falta são histórias de todo tipo, mais ou menos fáceis de acreditar ou mais espantosas... Num jornal da Capital se falou que o Pe. Lauro fala mais de dez línguas (e seus colegas começaram a contar nos dedos e não chegaram nem a cinco...) e outro jornal ainda disse que ele ensinou português ao Papa João Paulo II...

Assim acontece com as lendas de ouro que havia e houve e há no Caraça: a história das bateias encontradas em grutas e socavões, o arroba de ouro que o bandeirante Bento Rodrigues teria achado num só dia, o veio de ouro onde o negro

cortava um pedaço para viver dele o ano inteiro e que ele aceitou mostrar para o superior, para que pudesse construir a igreja que estava sonhando (e o negro-velho morreu quando puxava a fila dos aventureiros de olhos grandes)... Também contam do veio de ouro que apareceu quando puseram dinamite para nivelar a lapa de pedra da montanha onde se construía a igreja neogótica... Quando se precisa muito de dinheiro, se sonha com ele...

Muitas dessas lendas revivem, quando se encontra outra bateia no fundo de uma gruta, ou quando alguém explica o que são aquelas "panelas" nas pedreiras, que teriam sido causadas por atrito de diamantes, levados e rolados pelas águas

correntes e que são eles que vão roendo as lapas de pedra das bases dos riachos.

Gente curiosa diz que já encontrou pegadas de dinossauros, na segunda pedreira de tal queda d'água. Todos os outros sabem que nunca se achou nada pintado, desenhado ou esculpido por índios nas terras e serras do Caraça. Mas ainda correm notícias sobre reservas de centenas de garrafas do melhor vinho caracense, fabricado no final do século XIX e que hoje valeriam fortunas (contam até onde existem as portas falsas e as paredes que disfarçam esse tesouro).

No campo das pessoas, muitos acham que o Vicente Calixto, possivelmente oitentão, é do tempo do Irmão Lourenço, como também diziam o

mesmo quando vivia o 'seu' Izé Rafael, ou o Pai do Irmão Eugênio, ou quando juram que a Virgínia (Sampaia) era filha de bugre com escrava.

No campo dos bichos, as estórias mais frequentes são o lobo-mau (dos desenhos animados e das revistas em quadrinho, não o nosso lobo-guará), ou as cobras que saem correndo atrás das pessoas ou as onças que estão dormindo perto da gente, ao lado da casa. Quando alguém volta da gruta de Lourdes, naquelas fendas numerosas da subidona antes de chegar à Capelinha, muito gente já escutou onças esturrando, fazendo aquele barulhão que assusta e aterroriza. Um grupo mais afoito, uma vez, foi tirar isso a limpo, porque juravam que era mesmo onça, tinha que ser: e voltaram com um sapo que coaxava lá dentro, cujo barulho ecoava nas lapas de pedra e juravam que era onça e das grandes...



A serra do Caraça: o Inficionado e o Pico do Sol são as maiores altitudes de toda a Cadeia do Espinhaço

COORDENAÇÃO AMBIENTAL

Boa parte do que se nota hoje no Caraça, como limpeza dos ambientes, prestação de informações, segurança e sinalização nas trilhas, orientação dos grupos, acompanhamento nas trilhas, etc. etc., se deve à Coordenação Ambiental. Este ofício começou com a bióloga Consuelo Paganini e continua atualmente com Aline Cristine Lopes de Abreu, também bióloga. A Aline ainda se dedica a um doutorado que faz em Belo Horizonte, no campo da gestão de áreas de conservação ambiental.

Sua função principal é assegurar que a legislação federal e estadual referente às Reservas Particulares do Patrimônio Natural e às áreas de conservação em geral se cumpram cuidadosamente em todo o Caraça. Para isso, zela para que se implantem e mantenham as ações previstas no Plano de Manejo da Reserva e se atualizem suas normas. Mantém contato com a Associação das RPPNs de Minas Gerais (ARPEMG) e a Confederação Nacional de RPPNs. Exerce um controle criterioso dos visitantes, especialmente dos estudantes que

vêm das escolas conveniadas e com os grupos de pesquisadores que vêm das universidades do Brasil e do exterior para estudar a riquíssima biodiversidade do Caraça.

A Coordenadora Ambiental seleciona e prepara os novos monitores, acompanhando-os nas suas tarefas. Nisto, é auxiliada pela psicóloga Marisa Domingos, contratada pelo Caraça para ajudar os funcionários em geral nas suas funções, zelando pelo bem-estar de cada um, pela sua realização pessoal, pela paz no ambiente e na família, etc.

Vê-se que o Caraça realmente preza seus funcionários e seus visitantes, assegurando-lhes estes dois serviços de qualidade. Aliás, deve-se dizer o mesmo de dois outros serviços que caracterizam o Caraça no atendimento aos milhares de visitantes e hóspedes: a animação religiosa e pastoral e, noutro campo, aparentemente muito distinto, mas igualmente importante, a qualidade do atendimento no restaurante, com o serviço de nutricionistas e agora de uma gastrônoma.



CADÊ A PONTE DO BODE?

Nome é estranho e a explicação é mais ainda... É uma das lendas criadas para assustar a meninada e fazê-la se comportar melhor, nos tempos do Colégio do Caraça, quando os adolescentes vinham de longe, muitas vezes forçados, e tinham que ficar por imposição dos pais e sob a vigilância dos professores e disciplinários...

Foi nessa ponte que o padre superior conseguiu salvar o menino que um bode preto estava arrastando porque ele tinha feito um desaforo para uma imagem de santo ou de santa...

Temos que deixar de lado a história esquisita e reconhecer que hoje em dia é um problema bem chato o fato de a antiga ponte ter se acabado e de a pinguela mais ou menos recente ter apodrecido e despencado toda no rio.

Quem vai para os Pinheiros e o Banho do Belchior, para o Bosque do Pe. Leite, a Pedra da Paciência e a Bocaina, para a própria Prainha, pelos caminhos atuais, quando se refizer a Ponte do Bode, irá economizar bem meia hora de caminhada, passando ainda por uma parte bonita da paisagem caracense, por um córrego muito agradável e uma pinguela até romântica...

Então, vamos refazer a Ponte do Bode, logo que possível. Lá está a pilastra enorme no meio do rio do Caraça, pronta para receber as tábuas compridas que a ligarão às duas margens e nos possibilitarão passar de um lado para o outro, com muita economia de tempo e um bom cansaço a menos...

Esta iniciativa é uma das indicações do zelo ambiental que o Caraça tem com seus atrativos e com seus visitantes. Quem sai andando pela Reserva aprecia não apenas as placas indicativas das distâncias e dificuldades das trilhas, mas também a facilidade de ir e vir, os latões de lixo em vários pontos, o cuidado com as voçorocas que destroem rapidamente os melhores caminhos. E quem entende de caminhos e caminhadas sabe que tudo ainda pode ser melhorado, quando houver, por exemplo, caminhos alternativos, para o tempo seco e para a estação das chuvas. Do mesmo modo, quando se notar que um caminho já está sendo prejudicado pelo excesso de pessoas transitando, que os capins já não vêm tão vigorosos, que a erosão está desfigurando e desfazendo as pedras, que as passagens em lugares mais secos acabam aumentando as voçorocas, etc., serão buscadas trilhas alternativas, com o cuidado de replantar trechos mais estragados, como exemplo da preocupação com a integridade do patrimônio que o Caraça tem e quer conservar preciosamente.



MONITORES E MONITORAS

Monitores do Caraça: Fabiana, Patrick e Aline Apolinário



Os grupos de escolas ou de visitantes que chegam ao Caraça são recebidos pela simpatia de monitores e monitoras, devidamente uniformizados e perfeitamente identificados, que os acolhem com atenção e lhes fornecem todas as indicações necessárias para bem aproveitarem do que há no Santuário e na Reserva. É gente bem treinada, educada, sumamente prestimosa e prestativa, pronta para qualquer informação ou acompanhamento.

São tão competentes e têm tanto jeito no trato com as pessoas que muitíssimas vezes são cobiçados por empresas da região, que não se interessam por contratar os rapazes e moças que vivem desocupados nas cidades da região ou do entorno e vêm garimpar essas 'preciosidades' no Caraça. Pela preparação que o Caraça lhes dá, alguns se orientaram para Faculdades e cursos específicos na área de biologia ou de gestão de pessoas e de unidades de conservação.

A prioridade do serviço deles é o atendimento aos grupos e visitantes ou hóspedes individuais, que acompanham com palestras e apresentação de vídeos institucionais, ou falando durante a visita à igreja, ao claustro, às catacumbas, ao museu, à biblioteca, ao salão de conferências, etc. Quando são as escolas conveniadas, dividem-se os alunos e os monitores acompanham uns à igreja, outros ao museu, revezando-se depois. Não têm obrigação de acompanhar ninguém nas trilhas, nem haveria gente suficiente para tanto turista...

Coletam e guardam as cobras que aparecem, recolhem as aves que morrem nos vidros do museu e da biblioteca (registrando-os no Centro de Visitantes, para quando forem levados para os museus das universidades que ajudamos).

Zelam pelo cuidado das trilhas e por sua manutenção, pela limpeza dos estacionamento, do centro de visitantes, dos espaços públicos em geral. Leem o pluviômetro e o registram, cada dia, integram a brigada contra incêndios, ajudam no resgate de acidentados e no transporte de algum ferido. Abordam as pessoas, com extrema delicadeza e educação, pedindo menos barulho, menos confusão, mais roupas, menos palavrões, nos ambientes coletivos... essas coisas que pessoas bem educadas gostam de ver que se prezam e se conseguem, quando todos colaboram.

Quando preparados, auxiliam nos pequenos problemas que aparecem, nas torneiras, nas lâmpadas, nas chaves, nas bagagens; são extremamente serviçais e educados. Conservam o bom humor, contam histórias, distraem as crianças e encantam os adultos. Uma equipe afinada, fina e refinada, padrão Caraça.

TRILHAS BEM SINALIZADAS

Quem volta de qualquer das trilhas do Caraça, das menores (como a Prainha) às mais demoradas e cheias de aventuras (como o Campo de Fora), comenta satisfeito a sinalização das caminhadas. Foi um projeto bem preparado, com textos escritos, estudados, revisados, corrigidos, melhorados e testados antes de se fazerem as placas (e ainda assim escaparam algumas coisitas...). Lendo as placas de sinalização, sempre muito visíveis e de leitura cômoda, os visitantes sabem de onde saem, aonde vão chegar, o que há pelo caminho, de que conjunto de atrativos faz parte a trilha que escolheram e estão seguindo, o tempo que vão levar, de ida e volta, a categoria mais ou menos pesada ou técnica da trilha, os cuidados a tomar, os possíveis perigos de escorregar e cair

ou de encontrar animais venenosos ou peçonhentos.

A promoção e a empreitada foram feitas com a colaboração da mineradora AngloGold Ashanti.

Cada conjunto de trilhas ganhou um nome sugestivo, como a trilha da anta, a do lobo-guará, segundo a possibilidade de topar com um desses animais durante a caminhada, porque os bichos têm certa regularidade e preferência nos seus trajetos, relacionados com suas caças, sua alimentação ou seus pontos de beber água. O que mais se nota e se comenta é a satisfação dos trilheiros/caminheiros, que sabem onde se encontram, quanto tempo ainda vão ter que aguentar a sede ou o cansaço, quanta coisa bonita ainda há para ver até a chegada ao atrativo ou a volta à casa.





Para a criançada que vem de Belo Horizonte (em geral as escolas públicas) e de toda parte (aí predominam as escolas particulares), a visita ao Caraça é muito instigante, uma verdadeira excitação. O tempo é bem aproveitado, porque, quando chegam, os alunos e seus monitores ou professores vão ao centro de visitantes, onde veem um vídeo institucional, que conta a história resumida do Caraça e apresenta em poucos minutos uma quantidade de informações e de coisas a ver. Depois vão pela casa, ao museu, à igreja, uma passada barulhenta pelo restaurante, alguma trilha mais curta, se possível com um bom banho na Cascatinha ou na Piscina ou na chamada Prainha. E voltam para casa e para a escola contando mil aventuras, como se as tivessem vivido eles mesmos.

De 2006 a 2014, vieram ao Caraça 2.106 escolas, das quais 1.199 eram públicas, de alunos em geral menores, e 907 escolas particulares, que trazem alunos das séries superiores e comumente ficam mais tempo, até mais de um dia. Um total de 84.416 alunos, 50.183 das públicas, 34.233 das particulares. Só em 2014, vieram 10.131 alunos, 6.344 de públicas, 3.787 de particulares.

Infelizmente, e também inexplicavelmente, as escolas da própria região, Catas Altas, Santa Bárbara e Barão de Cocais, apesar dos convites e das facilidades oferecidas, têm sido pouco numerosas...

Quanto aos visitantes em geral, as estatísticas de 1988 a 1997 apresentaram uma média de 53.060 pessoas que entram no Caraça por ano. 1990 foi o ano com mais gente, 59.426 pessoas.

De 1998 a 2014, a média por ano foi de

59.095, com um pico de 70.978 pessoas em 2010. Para as escolas públicas, o pico mais alto também foi 2010, com 9.458 alunos visitando o Caraça, embora o número de escolas tenha sido um pouco inferior às que vieram em 2012 (mas que trouxeram menos gente, 8.458). Esta oscilação no número das escolas depende de vários fatores, como foi a queda da ponte do rio das Velhas em Sabará, em 2011, ou, como acontecem cada dia, os engarrafamentos quilométricos na BR 381, que fazem muitas escolas voltarem do caminho. Atualmente, a duplicação da 381 pode causar transtornos, mas, esperamos, depois de pronta, facilitará a vinda das escolas e de mais gente. Uma observação útil é que muitas escolas de Belo Horizonte e região estão preferindo vir de trem, que não atrasa, chega cedo à estação Dois Irmãos, em Barão de Cocais, e com o pessoal

descansado, sem traumas na estrada. Voltam de ônibus.

No Centro de Visitantes, as pessoas (alunos e turistas em geral) que assistiram o vídeo sobre o Caraça foram 89.398, de 2009 a 2014.

Dos outros visitantes, em geral adultos com suas famílias, muitos, depois de ver os vídeos, vão aos picos, por exemplo. Pelo registro deixado com a coordenação ambiental, o pico mais visitado foi o Inficionado, com 1.082 pessoas, de 2006 a 2014. O segundo foi o Pico do Sol, com 886; o terceiro foi a Carapuça, com 748; o quarto foi a Canjerana, com 355; à Verruginha foram 341 pessoas. A meninadinha pequena não pode subir esses picos mais altos, mas virão um dia, já com suas famílias, para rever o Caraça e enfrentar as trilhas agora inacessíveis.



EX-ALUNOS E AMIGOS DO CARAÇA

Este ano, comemoraremos 70 anos da Associação dos Ex-Alunos dos Lazaristas e dos Amigos do Caraça. A AEALAC, fundada em Belo Horizonte por gente de muito peso, ex-Alunos de coração bem formado e agradecido, amigos conscientes do valor do Caraça e do significado de sua adesão à nova associação, realizou, ao longo dessas décadas, uma missão muito meritória: apoiar o Caraça, quando ainda era seminário e passou por dificuldades financeiras para manter alimentados e saudáveis os seminaristas, para manter em

condições de funcionamento a casa bicentenária, para sustentar na luta inglória os Padres e Irmãos que se dedicavam a formar uma juventude estudiosa, séria, motivada e sedenta de futuro, quando faltavam ao Caraça os meios materiais e financeiros para alimentar seus meninos e pagar seus funcionários.

Hoje, o Caraça vive de seu próprio esforço, com administração séria e segura, que calcula o que recebe, administra com juízo e emprega com critério, fornecendo aos visitantes e hóspedes uma acolhida de qualidade reconhecida, assegurando uma

pequena reserva que assegura a manutenção e os pequenos reparos numa casa tão antiga e exigida.

Diminuiu, por isto, a necessidade de pensar na AEALAC como fonte de ajudas, numa emergência. Mas surgiu um problema novo, que angustia nossos ex-Alunos, pois o tempo passa velozmente e os ex-Alunos do ano do incêndio, 1968, já são sessentões, na maioria. Mais alguns anos e as mortes estarão rareando as fileiras atuais...

Por isto, ao comemorar os 70 anos da AEALAC, a Direção do Caraça e a Diretoria da Associação farão um projeto de expansão, de filiação de Amigos e Amigas do Caraça e de outros ex-Alunos. De fato, há famílias que vêm ao Caraça religiosamente, cada ano, para o Natal e o Ano Novo, para celebrar a Páscoa, para suas férias ou seus descansos ao longo do ano. Muito avô já trouxe os filhos pequenos e agora repete com os netos os mesmos ritos de encantamento, garantindo uma frequência de gente que quer bem ao Caraça, valoriza sua história e ajuda a cumprir sua missão histórica de centro de peregrinação, cultura e turismo, de preservação e educação ambiental. Essa gente alegre, esperançosa, respeitosa, educada, fiel e amiga, será convidada a participar da AEALAC. E ainda existe o Alunado do Colégio São Vicente de Paulo, do Rio de Janeiro, os meninos e meninas, os rapazes e as moças que vêm cada ano em excursão e estão dentro do nome 'ex-Alunos dos Lazaristas e Amigos do Caraça'.

RETORNO DOS EX-ALUNOS

O Caraça tem, há 70 anos, uma Associação de Ex-Alunos e também de Amigos e Amigas. Mas há um grupo de caracenses que ainda não está reunido em associação, embora seja bem consistente.

São os que estudaram em colégios que organizavam e ainda organizam excursões para o Caraça. Em conversa com o Pe. Lauro, diretor do Caraça, contou-nos que, desde 1999, Professores do Colégio São Vicente de Paulo trazem Alunos do 6º ano (em geral, com 11 anos de idade) e do 3º ano do Ensino Médio (já com 17 e 18 anos). São evidentemente excursões de dinâmicas muito diferentes, pois os pequenos são entretidos com trilhas menores, mais fáceis, com mais água para brincar ou nadar, e os grandes preferem as trilhas mais desafiadoras, como a Bocaina e a Cascatona, e iriam, se a excursão demorasse mais um dia, subir a Carapuça, a Verruginha, o próprio Inficionado e o Pico do Sol. Todo mundo sabe como a energia dos moços e moças de hoje é inesgotável, tal a quantidade de vitaminas que comem, de exercícios que fazem.

Mas não é todo mundo que consegue subir a Carapuça, pois é um tipo de exigência de esforço que não se compara com o futebol de salão, as brincadeiras nas praias, os fins de semana curtidos na base de surf e de cervejas e batidinhas nos quiosques do Rio de Janeiro.

A mesma coisa se diga dos paulistas que estudaram no Colégio Porto Seguro. Durante muitíssimos anos, de 5 a 6 mil Alunos vieram de lá, sempre turmas bonitas do 3º ano, passando aqui no Caraça de segunda a sexta, com tempo para muitas trilhas, muitos banhos nas águas frias das cachoeiras, muita alegria na convivência, nas aventuras, nos episódios que encham de gosto uma excursão de jovens.

Pois agora, como fruto maduro e muito saboroso dessas excursões, têm vindo muitas famílias, de São Paulo e do Rio, os ex-Alunos já trazendo seus filhos pequenos, para mostrarem como é bonito o lugar onde viveram momentos de emoção, surpresa, alegria e contemplação. Alguns recordam suas aventuras e muitos se surpreendem com a quantidade de coisas que fantasiaram, nestes anos entre a excursão e o retorno, percebendo como foram boas e fundas as lembranças, como foram encantadores os dias, como a imaginação e a saudade trabalharam para aumentar a felicidade e a alegria.

Receber bem as escolas que chegam, apresentar-lhes as maravilhas do Caraça, mostrar como é bonita a vida nesta natureza, com estes amigos, tudo isto faz parte da finalidade do Caraça, como centro de peregrinação, cultura e turismo, como centro de educação ambiental e de preservação da natureza.



Ex-alunos do Caraça, em excursão da AEALAC: menos um lugar na mesa, mais um nome na oração...

OS SELOS DO CARAÇA

O Caraça já teve o seu segundo selo. O primeiro foi em 1974, para comemorar seus duzentos anos. Agora, no final de 2014, o segundo selo, para marcar os 240 anos de sua existência meritória e prestigiosa.

No lançamento do selo deste fim de ano, a cerimônia contou com os discursos de praxe, já

noticiados em edição precedente deste Jornal. Um Professor presente à cerimônia ressaltou uma das ideias do discurso do Diretor, Pe. Lauro Palú, que fez sua saudação e seu agradecimento aos Correios, antes de timbrar os primeiros postais com o carimbo comemorativo. Uma propaganda comum dos Correios diz que os selos são uma janela aberta para o mundo. Pois Pe. Lauro disse que, até mais que uma janela, são uma verdadeira porta, pela qual não apenas se vê o mundo, os vários aspectos mostrados nos selos, mas uma porta pela qual se entra num mundo fascinante, representado por tudo o que se pode ver, aprender e realizar com os selos.

De fato, as coleções temáticas são uma verdadeira escola, pois uma criança, um adolescente, um jovem, um estudioso, mesmo um artista, um homem de negócios, um professor pode dedicar-se a aprofundar um tema, estudar seriamente um período da história, um personagem, uma revolução, as eras geológicas, os progressos da astronáutica, as belezas da pintura, da escultura, da arquitetura, as riquezas da mineralogia, as surpresas da biologia, os meandros da política nacional e internacional, investigar a descolonização política e a colonização cultural, etc.

E tudo isso sem sair de seu escritório ou de seu quarto, sentado à sua mesa, acompanhado, hoje, do seu *laptop*, do seu *tablet*, do que seja, que lhe permita ver, acompanhar as edições, os lançamentos, as feiras, os leilões, as exposições, e

comprar as peças que lhe falem, os *hits* que o fascinam e enlouquecem de vontade.

Em conversa com o professor, depois da cerimônia, Pe. Lauro ainda comentava que, mais desafiadora que a dos selos, só mesmo a coleção de moedas, pois aí você tem os personagens, os locais, os fatos, os países, as épocas, e ainda tem o metal mais ou menos precioso, um patrimônio que cresce e jamais se desvaloriza, onde os achados são fabulosos, as novidades são menos abundantes cada dia, e os preços, em geral, são mais altos para cada aquisição.

Aliás, complementava o Diretor do Caraça, depois de cada excursão ou viagem, uma pessoa realmente interessada e aberta às belezas do mundo que acaba de ver, deveria cuidar de sua documentação, do seu registro fotográfico, de suas coleções de lembranças ou de preciosidades.



Foto: Pe. Lauro Palú C.M.

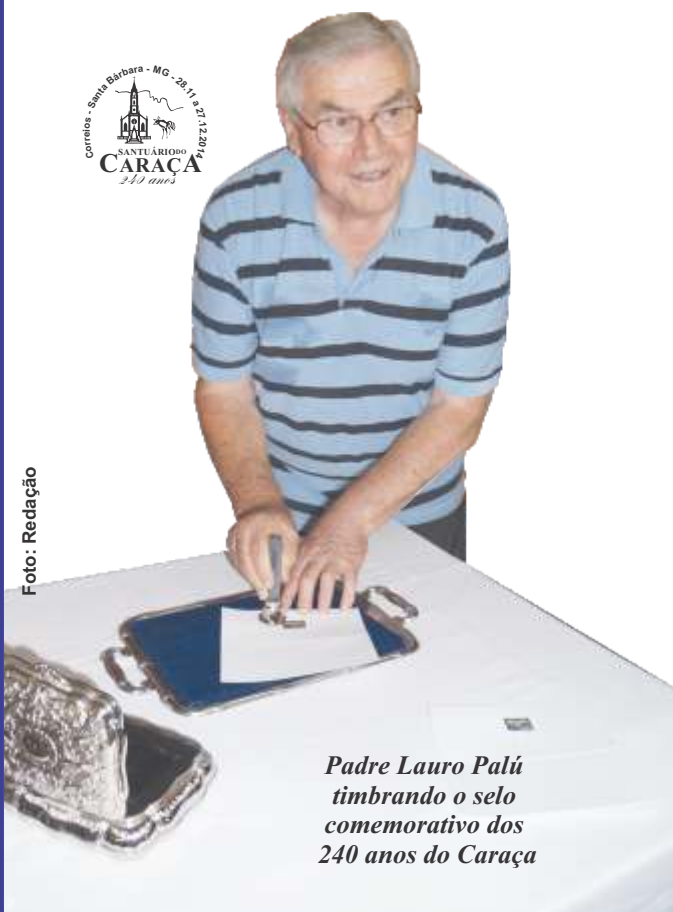


Foto: Redação

Padre Lauro Palú
timbrando o selo
comemorativo dos
240 anos do Caraça

A LOJA DAS LEMBRANÇAS

Quem vem ao Caraça sempre leva muitas lembranças boas. Umas, no coração, como a alegria, a amizade dos companheiros, a paz que tudo inspira na gente. Outras lembranças a gente leva na máquina de fotografia ou no celular, conservando os passarinhos, as cachoeiras, a risaiada dos amigos na pracinha da cantina, as poses das crianças na escada ou no repuxo do jardim. Outras lembranças, essas sim muito boas, são a missa dos domingos com a participação que o Padre anima e dá gosto na gente, pode ser também o batizado do filho ou filha, do sobrinho, de um amigo da família.

Já outros o que querem é coisa de pegar, uma imagem, um chaveiro, uma camiseta com o lobo do Caraça, e aí então é só escolher: temos camisas e camisetas,

chapéus e bonés, bordados, pintados, irresistíveis, elegantes e cômodos. De chaveiros e *bottoms*, há uma infinidade, de bicho e de santo, com a figura que você quiser. Há santinhos de papel e de plástico, há santos maiores, de gesso e de palha de milho, um artesanato muitíssimo bonito da região. Há escapulários, terços, novenas, medalhas e bentinhos, livros de leitura e de reza, CDs de música religiosa e corais. É só ir à lojinha, na parte direita da Cantina, e escolher. Ainda perguntam se é para presente e fazem aquele embrulhinho delicado, para dar de lembrança. Estive no Caraça e lembrei-me de você.

Ah! E ainda temos os artesãos que deixam suas invenções tentadoras: quebras-cabeças de madeira de várias cores, quadrados mágicos, pirâmides e cestas de minibasquete, equilíbrio

de pregos, de tudo, que o Serjão é imaginoso e passa a vida inventando como ocupar o tempo livre dos outros. Há os passarinhos feitos pelo Euler, a que só falta cantar (talvez ainda ache o disco dos cantos dos passarinhos do Caraça, que pode adquirir para acompanhar sua compra do canário, do gaturamo, do sabiá-laranjeira, do relógio, etc.).

Na lojinha ainda há livros excelentes, vários deles referentes ao Caraça, livros curiosos, obras de escritores caracenses, etc.

Na recepção você ainda pode comprar os DVDs com as exposições do Pe. Lauro Palú: fotografias, textos e poemas dele, recitados com a emoção de sua voz de autor. Se quiser uma obra mais de peso, não deixe de ver e comprar o livro Serra do Caraça, que comemora os 240 anos do Santuário e de sua obra.



Foto: Redação

POMAR E HORTA NO CARAÇA E NO ENGENHO



Foto: Redação

A horta do Caraça sempre foi conhecida, desde o tempo do Irmão Lourenço, quando o naturalista francês Saint-Hilaire a visitou. Ele comentou em seus livros a qualidade das frutas brasileiras e como poderão superar em sabor e proveito as frutas europeias, se forem cultivadas, melhoradas e selecionadas, como ao longo dos séculos se fez na Europa. Outros pesquisadores a percorreram, vendo as plantas, especialmente as medicinais, que se cultivavam ali com esmero e bons cuidados.

Nos tempos em que ainda funcionava o seminário, antes do incêndio de 1968, além da horta havia o pomar, o Paraíso, onde cresciam pêssegos, caquis, peras, maçãs, marmelos, amoras, quanta coisa boa que a meninada acabava comendo sem nunca saber de onde vinha. Se soubessem, haveria invasões inevitáveis, tal a fome que sempre rondava aquelas cabecinhas cheias de bons estudos e muito esporte e de comida geralmente pobre. Pode ser que algum dos alunos, chamados naquele tempo de Apostólicos, conhecesse o Paraíso, mas o atual Diretor, Padre Lauro, garante que nunca tinha ouvido falar do tal pomar secreto. Nem era tão distante, pois do caminho para a Cascatinha se podia ver, muitos anos depois, o que sobrou do velho pomar milagroso...

Hoje se trabalha para reformar a horta, devastada literalmente pela invasão dos jacus, e formar um pomar. A EMATER, com professores

da Universidade de Viçosa, está ajudando o Caraça, com um projeto multidisciplinar que ativará, com a ajuda de estagiários e alunos da Universidade, tanto a horta como o pomar.

Para isto, foram selecionadas espécies de legumes e vegetais da culinária tradicional da região mineira e especialmente da própria região do Caraça, com pesquisa bibliográfica e conversa com os moradores da Baixada caracense, particularmente com algumas dozeiras, cozinheiras reconhecidas capazes. As mudas foram aclimatadas, já foram plantadas, estão sendo acompanhadas e crescem nos seus ritmos. Vai se impor, de agora em diante, uma fiscalização dos espaços, talvez algum espantinho a mais, mas, sobretudo, telas e coberturas em formas de estufas, para se poderem colher os frutos e as verduras. Os tradicionais pacotinhos de papel nos cachos de uva que começam a crescer são comidos competentemente pelos jacus, junto com as uvas...

Na Fazenda do Engenho, parece que as coisas andarão mais fáceis, porque há muito adubo do gado, há talhões de terra que estão com ótima qualidade de solo e sobretudo uma excelente insolação, e não há tanto jacu por ali. Se algum passa por perto, as populações da Baixada se encarregam de os fazer "viajar para o interior". Espera-se, com isto, que os hóspedes possam, em breve, sentir o gosto de frutas colhidas maduras, frescas, sadias, sem agrotóxicos, como comíamos nos tempos de nossas infâncias interioranas.

OS DIRETORES DO CARAÇA



Pe. Silva, que foi Bispo no Maranhão

É uma lista bonita a dos Diretores do Caraça, cujos retratos se veem no grande refeitório. O atual, Pe. Lauro Palú, é o de número 30. A fila começou com o Padre Leandro Rebello Peixoto e Castro, que chegara de Portugal com o Pe. Antônio Ferreira Viçoso. Foi diretor duas vezes, como aconteceu, depois, com os Padres Miguel Maria Sipolis e Luiz Gonzaga Boavida e recentemente com o Padre José Tobias Zico.

Dois foram nomeados Bispos: Dom Antônio Ferreira Viçoso, em Mariana, e Dom Francisco de Paula e Silva, no Maranhão, em Caxias. Só um dos 30 deixou de trabalhar como Padre, tendo obtido do Papa licença para casar-se, o Padre Sinfrônio Batista Jota.

Foram diretores do Colégio os Padres Domingos Musci (duas vezes) e o Pe. Arcádio Dorme.

Quem dirigiu o Caraça por

mais tempo foram os Padres Júlio Clavelin, 18 anos, e Antônio da Cruz, 13 anos, e os que repetiram o cargo, Padres José Tobias Zico, 15 anos, Boavida, 12 anos, Leandro, 11 anos, Miguel Maria Sipolis, 8 anos. Foram grandes estudiosos das ciências humanas e divinas os Padres Antônio Van Pol e Boavida; foram grandes missionários populares os Padres Jerônimo Gonçalves de Macedo, João Vaessen e Henrique Lacoste; o Padre Sebastião Mendes Gonçalves foi depois do Caraça trabalhar como missionário em Moçambique, 24 anos; foram escritores Dom Francisco Silva, os Padres Jerônimo de Castro e José Tobias Zico; foram lexicógrafos os Padres Pedro Maria Bos e Antônio da Cruz. Homens de visão, que construíram partes do Caraça, os Padres Jerônimo Gonçalves e Leandro, Júlio Clavelin, Luís Boavida, Clóvis Passos e Tobias Zico. Zelando pela Casa e restaurando-a, quando necessário, esses superiores foram sempre ajudados por competentes ecônomos e administradores. Três foram superiores da Província Brasileira da Congregação da Missão: os Padres Antônio Viçoso, Mariano Maller e Célio Dell'Amore.

Pelas nacionalidades, foram 14 brasileiros, 5 portugueses, 4 franceses, 2 holandeses, 1 espanhol. Todos beneméritos, grandes servidores do Caraça e das povoações

vizinhas, como o Pe. Clóvis Duarte Passos, que era farmacêutico e atendia à pobreza dos arredores.

No seu livro Guia Sentimental do Caraça, o Padre Pedro Sarneel traça grandes elogios dos Padres que fizeram o Caraça crescer e se destacar no cenário nacional. Nem todos tiveram os mesmos dotes, as mesmas necessidades ou oportunidades, e alguns passaram quase sem deixar muitas marcas no aspecto físico do Caraça, mas todos marcaram sua história, como pessoas de bom senso, procurados como conselheiros, diretores espirituais e confessores. Estão vivos até hoje os Padres Sebastião Mendes, os dois diretores mais recentes, Padres Celio Dell'Amore e Wilson Belloni, e o atual, Pe. Lauro. Por seu interesse pelas ciências, foram homenageados com seus nomes, escolhidos pelos cientistas para gêneros ou espécies novas de plantas ou de insetos, os Padres Sipolis, Dorme, Tobias e Lauro.



Dom Viçoso, Bispo de Mariana

Fotos: Site do Caraça

PADARIA E GASTRONOMIA

Quem volta ao Caraça, depois de visitas de mais ou menos tempos atrás, se surpreende com a beleza dos ambientes, as modificações que se notam nos pormenores da Casa, na hospedagem e especialmente na alimentação. Tudo é fruto da administração tranquila, segura e serena do Pe Luís Carlos do Valle Fundão e do seu grupo de Coordenadores dos vários serviços. Todos notam a gentileza das Meninas da Recepção e Secretaria, das Moças da Manutenção, das Senhoras da Cozinha, etc. Justiça seja feita, são equipes incansáveis, atentas, extremamente conscienciosas de seus deveres e da maneira cortês de cumpri-las, cuidadosas dos seus deveres, dos direitos de quem chega, dos deveres de quem se hospeda no Caraça, por ser tão especial.

Uma administração serena e segura, como foi dito acima, escolhe setores para suas intervenções, épocas mais favoráveis, estabelece prioridades e vai atuando segundo suas possibilidades financeiras, suas urgências, seus projetos.

Assim, houve uma reforma

do refeitório onde os hóspedes tomam seu café da manhã, agora se estão reformando as despensas, a cozinha e proximoamente o refeitório grande do almoço e do jantar. E também se reforma e moderniza a famosa e premiada adega do Caraça.

Chama a atenção a nova padaria, com suas janelas de vidro por onde os hóspedes vão ver os pães e bolos, os biscoitos e as outras novidades preparadas pela gastrônoma Vani Pedrosa e pelas Meninas da Cozinha, que fizeram seus cursos de confeitarias, doceiras e padeiras. Como todos o sentem num ambiente bem pensado e cuidado, notam-se o carinho, a limpeza, a riqueza dos detalhes, a toalhinha, os *sous-plats* de troncos de madeira, a manteiga caseira, a variedade dos bolos, a quantidade de tipos de biscoitos e de doces, os sucos, as frutas, aquelas tentações acumuladas a que ninguém resiste. Diga-o quem almoça nos sábados e domingos, consegue controlar-se diante das carnes e massas, mas perde a calma diante da mesa de doces caseiros tradicionais de Minas e procuradíssimos pelos hóspedes.



Pernil de porco recheado



Torta rústica de galinha



Rocambole de Laranja

Fotos: Site do Caraça



Foto: Internet

O CURATO DO CARAÇA

O Caraça é um santuário, não é uma paróquia. Mas é encarregado de um curato, que abrange as Comunidades de Santana do Morro, Sumidouro, Brumal, Barra Feliz e o próprio Santuário do Caraça. Quem exerce o ofício de cura, equivalente ao de um pároco e de seus vigários paroquiais, é o Pe. Evilásio Amaral Júnior, que reside na Fazenda do Engenho, mais próximo das Comunidades que atende. A sede do curato fica na igreja de Santo Amaro, uma preciosidade barroca (exemplar incomparável do primeiro barroco mineiro), e na casa paroquial anexa, onde funcionam a secretaria e os serviços burocráticos do curato.

No Caraça, os ofícios litúrgicos dos sábados e domingos são celebrados pelo Pe. Lauro Palú. O antigo diretor do Caraça, Pe. Wilson Belloni, continua atendendo as comunidades da Baixada caracense e de Barra Feliz, segundo o esquema dos serviços e dos que se revezam para assegurá-los. O Pe. Luís Carlos também dá assistência religiosa nas comunidades de São Gonçalo do Rio Acima e Campo Grande, que pertencem a uma paróquia de Barão de Cocais.

A assistência religiosa e pastoral a essas comunidades é uma das realizações do pedido do Irmão Lourenço, no seu testamento: que a comunidade que assumisse o Caraça fosse missionária e ajudasse as populações dos arredores.

Foto: Site do Caraça



Igreja Nossa Senhora da Conceição em Barra Feliz

BÊNÇÃOS DE TERÇOS E MEDALHAS



Foto: Redação

Todo dia chega gente pedindo aos Padres que bençam os terços, as medalhas, os escapulários. Alguns Padres simplesmente bençoem, pedindo a Deus que proteja as pessoas.

Muitas pessoas já notaram a diferença, hoje em dia, pois muitas das orações na missa, nas liturgias, nas celebrações dos santos, já não falam de benzer a água, o fogo, os animais, as colheitas, as medalhas, os escapulários. Mas há orações novas, como aquelas duas do ofertório na missa, quando o Padre, em vez de benzer o pão e o vinho, diz na oração: "Bendito sejas, Senhor Deus do Universo, pelo pão, pelo vinho, que recebemos de vossa bondade e agora vos apresentamos". No batismo, nos outros sacramentos, muitas orações já dizem assim, como se ensinou no Concílio Vaticano II.

Pe. Lauro, nas missas dos domingos, explica que a bênção que as pessoas pedem para o terço ou as medalhas vai ser, na realidade, uma bênção de Deus para a pessoa que vai rezar com aquele terço, usar aquela medalha, levar aquele escapulário. Pe. Wilson Belloni e Pe. Luís Carlos também dão essas bênçãos, pedindo a proteção de Deus para os fiéis que vão rezar no Caraça.

Depois de comprar as lembranças na lojinha ao lado da cantina, vale a pena levar os objetos para os Padres abençoarem seus donos ou os presenteados com as imagens, os santinhos, as medalhas, os escapulários. E já sabem que o Padre não vai benzer a chave do carro, mas vai rezar com a família para que Deus os abençoe quando viajarem, para que sejam sempre seguros e protegidos em suas estradas e em seus destinos.

FECHANDO ESTA EDIÇÃO

Uma vez, comentei que o prefácio de um livro deveria falar de suas coisas bonitas, chamar a atenção para o estilo, as novidades. E o posfácio deveria ser curtinho assim: Eu não disse?!

Pois quando o editor do Jornal VOZ DO CARAÇA me pediu uma palavra para encerrar esta edição especial, pensei de novo nisso mesmo: EU NÃO DISSE?! Escolhemos estas fotos na coleção que faço ao longo dos anos, para mostrar um Caraça

excepcional e exemplar. Como documentação científica da riquíssima biodiversidade da Reserva Particular do Patrimônio Natural Santuário do Caraça, estas fotos não têm a mínima intervenção, além do olho do fotógrafo. Nem costume mexer nos galhos ou juntar coisas para ficarem mais bonitas e sugestivas. Claro que de 41.000 fotos poderíamos escolher umas doze. O único problema é ficar só em doze...

Águas, reflexos, borboletas, flores, sombras, personagens, montanhas, cachoeiras, cogumelos, árvores, caramujos, frutos, rastros, o que privilegiar? Mesmo uma de cada já daria para encompridar a lista, segundo meus arquivos. Então fui escolhendo "no escuro", coisa que não se deveria fazer com fotografias.

Pe. Lauro Palú, C. M.,
Diretor do Caraça



REGULAMENTO DA CASA

Café da Manhã: das 7h às 9h30. Almoço: das 12h às 14h.

Jantar: das 18h30 às 19h30 - Obs: As refeições são servidas à "americana" e as fichas são adquiridas na secretaria até 11h. O portão no pé da serra é fechado às 17h e aberto às 8h. As diárias se encerram às 12h. Silêncio nos aposentos e corredores, das 22h30 às 8h. A cantina funciona todos os dias das 8h às 17h. Sábados, domingos e feriados, horário especial.

Missas na igreja de Nossa Senhora Mãe do Homens:

Domingos: às 11h - De segunda a sábado, às 20h.

AGRADECIMENTOS

A Comunidade do Caraça agradece aos seus amigos, hóspedes e visitantes, que nos apoiaram e continuam dando-nos as condições de realizar a missão original do Caraça.

E, hoje, um agradecimento particular aos Editores do jornal A VOZ DO CARAÇA, pela bonita homenagem desta edição especial, preparada com carinho e competência exemplares.

EXPEDIENTE

Jornal Voz do Caraça

CNPJ: 14.405.744/0001-09

R. Desembargador M. dos Santos, 235

Centro - Santa Bárbara - MG

E-mail: vozdocaraca@gmail.com

Coordenação geral

Pe. Lauro Palú, C. M. / Francisco J. Quiters

Textos

Pe. Lauro Palú, C. M. / Redação

Fotos

Arquivo pessoal do Pe. Lauro.

Diagramação

Sérgio Emery



AEALAC

Associação dos Ex-Alunos
dos Lazaristas e dos
Amigos do Caraça